



Memórias de um motorista na pandemia

Luis R. Palheta

Motorista profissional em Santarém, Pará.

Se alguém me dissesse, há um ano, que em 2020 estaríamos todos usando máscaras de pano nas ruas, esfregando álcool nas mãos a cada vez que tocamos em algo e evitando abraços e apertos de mão, eu diria que esse alguém estava vendo filmes de ficção científica demais. Por isso ainda fico admirado quando olho em volta e vejo este cenário. Não parece real. Mas é.

Sou de Santarém, mas morei em Manaus por quinze anos, onde trabalhei como office-boy e como operário em duas fábricas do Distrito Industrial. Há uns três anos fui demitido e depois de procurar emprego por quase seis meses, decidi voltar para casa. Peguei o que restava de minha rescisão e comprei um carro usado para trabalhar. Depois quis entrar na onda dos aplicativos, vi que precisava de um carro melhor e aluguei um ano passado, quando o serviço foi regulamentado em Santarém. Eu, minha esposa e filha fomos morar com minha mãe por um tempo, para economizar. Mas como diz o ditado, “quem casa, quer casa”, então depois de uns poucos meses aluguei uma casinha. Tudo parecia estar melhorando. Trabalho das seis da manhã às dez da noite (dependendo do movimento, posso até passar mais tempo). No trabalho de chofer de aplicativo (ou app) não cabe ficar doente, férias, nem fim de semana, mas o que eu tirava dava para pagar as despesas. Até que veio o vírus.

A gente escuta muita gente condenando quem quebra o isolamento e acusando quem não fica em casa, mas tem que entender que nem todos podem ficar. É o meu caso, com dívidas e aluguel do carro e casa para pagar, ficar em casa não é opção. Então eu continuei trabalhando, mas tomei alguns cuidados: voltava para casa e ia dormir numa rede na sala. Tomava banho assim que chegava, me despia perto da porta, a roupa eu colocava em um saco e ia direto para o cesto para lavar. Minha filha reclamava que não me via mais. Eu e ela sempre conversávamos quando ia buscá-la para levá-la à escola, ela me contava as coisas da vidinha dela de criança, o que acontecia na sua sala de aula, suas descobertas. Mas sem aulas e com a necessidade de isolamento, nosso contato diminuiu. O mesmo aconteceu com minha mãe, que sempre íamos ver no domingo. O vírus não poupou nada, nem mesmo esses momentos familiares.

Acho que a maioria da população só se deu conta da situação quando o governo do estado emitiu um decreto fechando as praias ⁽¹⁾. Em cidades que vivem do turismo, próximo à chegada do verão e das férias escolares, quando o faturamento de hotéis, empresas de viagem, comércio e



de motoristas aumenta em função dos visitantes, isso significa que toda a cadeia econômica sofre impacto. Por isso as reações ao decreto do governo estadual foram mais fortes nos locais que vivem do turismo como Santarém, Outeiro, Salinópolis. Nesta última cidade, a Prefeitura tentou por duas vezes derrubar o decreto na justiça, mas perdeu a causa. É triste ver as praias vazias. E é preocupante também. Houve fiscalização para garantir que as pessoas iriam seguir a quarentena, então não foi só uma questão de opção. Mesmo continuando a rodar, as coisas não são como antes: o movimento diminuiu. Em Alter-do-Chão, num fim de semana, dava para tirar o aluguel do carro da quinzena. Agora isso é impossível.

Uma coisa que me marcou demais foi uma corrida que fiz para duas passageiras que estavam muito tristes, chorando bastante. Estavam indo ao cemitério enterrar um irmão que elas não tinham mais visto desde que fora internado no Hospital Regional. Uma delas tinha chegado de Belém só para o enterro, já que não havia mais velório. Lembro bem disso porque foi no mesmo dia em que eu recebi a notícia de que minha tia-avó tinha sido internada depois de uma crise de falta de ar. Tive um arrepio na espinha quando minha mãe me ligou. Pensei na hora que enfim o vírus tinha chegado na minha família e que poderia ser eu chorando por um parente falecido de quem não íamos poder nos despedir. E assim foi: ela faleceu numa madrugada de domingo da semana seguinte. Eu ainda estava rodando quando minha mãe me ligou avisando. Eu já sabia que não íamos poder velar o corpo e que o caixão seria lacrado, porque minhas passageiras tinham me dito que era assim, mas para minha mãe e as outras tias não foi uma informação fácil de processar.

Para piorar, semanas depois, em maio a prefeitura expediu um decreto proibindo a visitação dos cemitérios no dia das mães, para evitar aglomeração ⁽²⁾. Desde a morte de minha avó, há três anos, as filhas dela iam ao cemitério Nossa Senhora dos Mártires homenagear a mãe com flores velas e orações no túmulo dela. Isso não foi possível neste ano. A pandemia, na minha vida, se fez presente de forma mais dura através das mudanças nas rotinas destas mulheres que dela fazem parte.

Eu, que trabalho em contato com dezenas de pessoas por dia, tive sorte de não pegar, mas tive muito cuidado também. Mais de uma vez recusei corridas porque não avisaram que seriam mais de duas pessoas (o que significa que uma delas teria que ir ao meu lado no carro). Já recusei passageiro sem máscara e mais de uma vez tive que evitar brigas por isso. Tenho certeza de que minha classificação baixou no app em uma semana por causa disso ⁽³⁾. Mas sigo as recomendações da empresa, faço minha parte: janelas abertas, máscara sempre, nada de contato. Fico me sentindo mal quando uma passageira vem das compras e precisa de ajuda para colocar ou retirar as sacolas no porta-malas: pela orientação da empresa eu não posso ajudar, tenho que ficar olhando, o que



vai contra meu jeito. Mas minha casa ficou livre do vírus, então vale a pena. Nem todo mundo teve essa sorte: perdi, além de minha tia, dois amigos.

Uma situação cômica que passei foi quando fui buscar um passageiro, um senhor já idoso, e ele estava usando um pedaço de cartolina como máscara. Ele tinha feito dois buracos para os olhos e um para a boca e amarrado ao rosto com barbante preso com fita adesiva. Eu não iria conseguir dirigir olhando aquela máscara pelo retrovisor no banco de trás, parecia personagem de filme de terror. Fiquei aliviado por eu mesmo estar de máscara, o que evitou que o passageiro visse a minha risada. Tirei do porta-luvas uma máscara descartável que deixei lá para esses casos. Ele me agradeceu e explicou que ainda não tinha conseguido sair para comprar uma “máscara decente”.

O que a gente ouve também é confuso: uns dizem que a única forma de vencer o vírus é todo mundo se infectar. Outros dizem que tem que manter o isolamento. Ouço no rádio que agora chegamos aos 70.000 casos de doentes e mais de 4.000 mortes. Agora o comércio está reabrindo, mas os turistas ainda não voltaram como nos anos anteriores. Eu só penso que a luta agora é para chegar vivo ao final desta corrida.

Notas

- (1) Decreto Estadual do Governo do Estado do Pará N°. 728 de 05 de maio de 2020.
- (2) Decreto Municipal N°. 136 de abril de 2020 proibiu visitação aos cemitérios locais entre 9 e 10 de maio de 2020.
- (3) Nos aplicativos, a nota do motorista é dada pela avaliação dos passageiros.